

# ACAFA

Nº 4 (2011) On-line

**VIRGEM NEGRA, MARIA MADALENA  
E NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO.  
A CONTINUIDADE DE UM CULTO PAGÃO**

**Black Virgin, Mary Magdelene  
and Lady of Conception.  
The Continuity of a Pagan Cult**

António Maria Romeiro Carvalho



Vila Velha de Ródão, 2011

**VIRGEM NEGRA, MARIA MADALENA  
E NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO.  
A CONTINUIDADE DE UM CULTO PAGÃO**

**Black Virgin, Mary Magdelene  
and Lady of Conception.  
The Continuity of a Pagan Cult**

António Maria Romeiro Carvalho<sup>1</sup>

**Palavras-chave**

Virgem Negra, Paganismo, Conceção, Continuidade, Cristianização.

**Key words**

Black Virgin, Paganism, Conception, Continuity, Cristianization.

**Resumo**

Há centenas de imagens de Virgens Negras na Europa, principalmente em França. Contudo, raros são os estudos a ela dedicados e, em Portugal, praticamente inexistentes.

Percorrendo a Beira Interior e a Raia Espanhola, analisando bibliografia diversa e a Net, o autor pretende justificar a quádrupla hipótese definida por muitos autores, alguns deles pouco conhecidos no mundo académico: a Virgem Negra continua cultos pagãos e, na origem, seria, ela mesma, uma deusa pagã; há uma relação íntima entre a Virgem Negra e Maria Madalena; na continuidade diacrónica – da Deusa Mãe a Nossa Senhora da Conceição – que surge no século XII, é Maria Madalena a santa que domina o espectro católico; os Templários e Bernardo de Claraval estão no centro desta continuidade e mudança verificada no século XII.

---

<sup>1</sup> Professor de História. Investigador do IEDS- Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica da Universidade Nova de Lisboa.

## Abstract

There are hundreds of images of Black Virgins in Europe, mainly in France. However, there are very few studies related to this subject, and in Portugal, they are almost inexistent.

Wandering along Beira Interior and the Spanish border, analyzing diverse literature and the Net, the author intends to justify the quadruple hypothesis defined by many authors, some of them little known in the academic world: the Black Virgin still continues pagan cults and, originally, would be a pagan goddess; there is a close relationship between the Black Virgin and Mary Magdalene; in the diachronic continuity – the Goddess Mother and the Immaculate Conception – which appears in the twelfth century, Mary Magdalene is the Saint who dominates the catholic spectrum; the Templars and Bernardo of Claraval are in the centre of this continuity and change occurred in the twelfth century.

## A Problemática

Centenas de imagens de Maria são negras ou, no mínimo, possuem mãos e rosto negros. São as Virgens Negras, *Virgines Noires*, na França, *Maddonas* negras, na Itália. A França possui o maior número delas, conhecido, umas 300 imagens e outros tantos lugares de culto. A estas, acrescentem-se mais 150 espalhadas pelo Mundo.

É um assunto pouco estudado, pelo menos em Portugal. Sempre que se fala de virgem, é a virgem Maria quem domina a cena. Sempre que se fala de imagens de virgens, é a imagem da virgem Maria, na sua face de Nossa Senhora da Conceição, sobre o quarto crescente e cujo pé, nalgumas, pisa a cabeça da serpente, que domina. A este domínio não será estranho o processo habitual da cristianização que, na impossibilidade de eliminar cultos antigos, deles se apropriou e tomou como seus. Mas o manto que o Cristianismo/Catolicismo sobre esses cultos lançou deixou muito à mostra. É o caso de Nossa Senhora da Conceição, que continua as antigas deusas-mãe e deusas da fertilidade. Conceição é concepção, é aquela que concebe e não aquela que se priva sexualmente.



Figura 1. Igreja S. M. Mayor. (Brozas, Espanha): o bastão do poder na mão direita.

Nossa Senhora da Conceição será vista, na religião e hierarquia católicas, como o símbolo e modelo da abstinência sexual mas, na religião popular, é vista como a senhora da maternidade, tal como as suas antecessoras católicas, oragos de várias paróquias, Nossa Senhora do Ó e Nossa Senhora da Expectação. É que, a cristianização, ao contrário do que pretendia, nunca e em nenhuma parte foi total. Refere MURRAY que, para o caso da Grã-Bretanha, a tão falada conversão foi apenas dos dirigentes; «a grande massa do povo continuou a seguir os seus antigos costumes e crenças, ao mesmo tempo que cumpria os ritos cristãos» (1921, p. 19).

Levou-se a cabo um pequeno trabalho de campo na Beira Interior e Raia Espanhola, espaço que, mais tarde, se alargou, em que se procuraram imagens e lendas de Virgens Negras e se fotografaram algumas. Percorreu-se bibliografia e portais na Net. Isto, na intenção de provar as quatro hipóteses, que não serão novidade, quando individualmente consideradas, mas sê-lo-ão juntas.

A primeira hipótese, é que as Virgens Negras continuam deusas e cultos pagãos e terão sido, elas mesmas, no início, deusas pagãs. A segunda, é que existe uma relação íntima entre as Virgens Negras e Maria

Madalena. A terceira é que, até ao século XII, tempo do aparecimento das imagens de Nossa Senhora da Conceição, senhora que, repete-se, continua as antigas deusas mãe e da fertilidade, a mulher dominante no espaço católico seria Maria Madalena.

## Introdução

A Virgem Negra possui analogias a deusas pagãs, o que não é de admirar, pois o Cristianismo continua cultos e rituais antigos. A Virgem Negra lembra Cibele, Diana e Vénus, mantendo algumas semelhanças com as deusas Kali, Innana e Lilith. Os Templários chamavam-na de Maria Madalena e esta, tal como a deusa negra Sara-la-Kali, é adorada pelos ciganos. Para os psicólogos modernos, a Virgem Negra representa o *feminino sombrio* e, para Carl Jung, representa a deusa egípcia Ísis e a sua iconografia remontará à Pré-História e ao culto da Grande Mãe-Terra. Neste sentido, compreende-se que a vela verde-escuro seja utilizada nos rituais à Virgem Negra. Tal como se compreende que o negro, na Antiguidade, estivesse ligado à fertilidade. Como diz CALADO, as Virgens Negras continuarão «cultos naturalistas pré-históricos que terão sobrevivido nos panteões celtas e teutónicos

sendo, posteriormente, integrados no panteão greco-romano e no cristianismo popular». (2008, p. 2)

Compreende-se a importância milenar do culto da deusa-mãe e a sua inserção como que genética no ser humano. Trata-se de um arquétipo. Arquétipo é originário do grego (*arche* = primeiro + *tip o*= padrão). Arquétipos, diz YLIMAKI, serão os primeiros padrões que constituem a base da «impressão da personalidade humana» (2006, p. 627). Aos arquétipos, Freud chamava-lhes «resíduos arcaicos», «formas mentais cuja presença não encontra justificação alguma na vida do indivíduo e que parecem antes formas primitivas e inatas representando uma herança do espírito humano». Para Jung, os arquétipos são complexos vividos ou vivenciados que comparecem a modo de destino. JUNG chama-lhes arquétipos ou imagens primordiais (1987, p. 67). Para este autor, há imagens semelhantes nos sonhos dos indivíduos humanos e nas mitologias espalhadas por todo o mundo, pelo que, na opinião de YLIMAKI (2006), as formas ou padrões arquétipos são colectivos, uma parte do psíquico de todos, pelo que universais. Seguindo Jung, ESPÍRITO SANTO diz que «na mitologia, na religião e muitas vezes na vida corrente, uma coisa material é a sombra de uma outra que não se consegue definir nem exprimir, é a sua imagem ou o seu símbolo».

(1987, p. 19). Enfim, Freud chamou-lhes complexos, Jung arquétipos e Platão denominava-os ideias.

Uma criança possui, assim, ideias pré-existentes que vêm da sua mãe, do pai ou do professor. A grande mãe será mesmo o mais indubitável, primeiro, forte e duradouro arquétipo, na opinião de JUNG (1987) e etnólogos das religiões como ESPÍRITO SANTO (1987) e HUSAIN (2001). Nesta linha, e através de uma abordagem psicológica analítica, PENNA propõe uma relação entre o arquétipo da Virgem Negra e a contemporânea necessidade de «conciliar as condições materiais da vida; por exemplo, a sexualidade com a espiritualidade» (2009, p. 1).

Charpentier, historiador francês, citado por BIRRENTTO (2003), afirma que as Virgens Negras seriam, originariamente, símbolos da Terra e da Deusa-Mãe, havendo representações da Virgem Negra em mais de vinte catedrais, casos de Poitiers e Toulouse, Reims e Aurillac, Amiens e Colónia e Ravena. A catedral de Chartres teria sido construída, segundo o mesmo autor, como muitas outras catedrais, sobre um poço ou nascente, e sobre um santuário dedicado à Virgem Negra ou Grande Mãe.



**Figura 2.** N.ª Sr.ª de Montserrat, Barcelona: o globo terrestre (poder sobre ele) na mão direita; na mão esquerda, o senhor do universo.

Não admira que, à sombra da Virgem Negra, da água e do culto da fertilidade, se tenha desenvolvido o culto de Nossa Senhora do Bom Parto, um nome e uma imagem bem mais dentro dos cânones do Catolicismo. Nossa Senhora do Bom Parto é uma designação muito frequente em Portugal, Espanha e França e costuma ter o seu santuário próximo de um regato, ribeiro ou rio, tal como os santuários dedicados a deusas primitivas.

Talvez a lembrar que o parto no meio líquido, ou junto a ele, é bem mais antigo do que se julga. Aliás, ESTRABÃO parece já o referir: «frequentemente dão à luz nas terras onde trabalham e lavam o menino e o envolvem em panos agachando-se junto a um regato» (1992, p. 110).

Nas explicações para a cor negra, é vulgar ouvir-se que foram séculos de velas e de fumo dentro de capelas e catedrais que tornaram estas imagens negras. É a explicação, ainda hoje, da Embaixada da Polónia para a Virgem Negra de Czestochova, a preferida do papa João Paulo II. É ainda a explicação dada para a Senhora da Conceição Aparecida, a Virgem mais conhecida do Brasil. É a explicação vulgarmente dada pela Igreja Católica para a cor destas Virgens. Contudo, não passa de uma

explicação ingénua. Como se explicariam as dezenas de imagens mais velhas que permanecem brancas? Além disso, o fumo deixaria as imagens com manchas negróides irregulares, não negras como elas se apresentam.

Não será importante discutir porque são negras centenas de imagens da Virgem, mas como questiona SCHEER, quando é que a sua cor negra «foi percebida e interpretada no seio dos crentes». A autora pensa que tal não aconteceu durante a Idade Média, mas na Contra-Reforma, quando se procurava «legitimar e promover a veneração das imagens miraculosas de Maria» (2002, p. 1413). A negritude das imagens tornou-se explícito no discurso acerca destas Virgens, continua a autora, quando os exegetas bíblicos começaram a utilizar o «sou negra, mas formosa», (Ct 1,5) na compreensão deles. A autora não tem razão. As imagens da virgem Maria aparecem no século XII e o seu culto, como o de qualquer outro santo, no Catolicismo, é inseparável da imagem. Na Contra Reforma esteve em causa o culto das imagens, não o das Virgens Negras. Poder-se-á dizer que, neste processo de questionamento, veio a *talhe de foice* a cor negra destas virgens, mas este questionamento é intelectual e não popular, que nunca questionou a cor delas, como não questiona os santos que adora.



**Figura 3.** Nossa Senhora do Leite. (Penha Garcia, Idanha-a-Nova): a tradicional naturalidade da representação da maternidade.

Assim, a Contra Reforma poderá ter vulgarizado a questão da negritude, mas nunca a imagem. Este processo e este discurso é timbre de uma escola que, para enaltecer o catolicismo eclesiástico, denigre ou diminui o catolicismo popular que está milenarmente imbuído de um religião múltipla pagã.

Paralelo a este processo, um outro, muito divulgado na História, na Justiça e no quotidiano: o valor da prova e o seu ónus. Qualquer hipótese tem de ser provada e neste processo a avaliação cabe a alguns que podem, ou não, ser convencidos ou aceitar, ou não, a prova. Veja-se. Se alguém tem de orçamento mensal 1.200€ e possui casa própria em Lisboa e casa de férias no Algarve e, a par disso, três carros topo de gama à porta, e se não tem mais receitas ou dádivas, ou teve sorte ao jogo, é evidente que o dinheiro veio de acto ilegal. Contudo, a prova, como provam milhares de casos conhecidos de todos, é impossível. Porém, que é evidente é. Se ele e ela são acusados de estar apaixonados e o negam, como provar? Porém, se os corações de ambos palpitam, quando se vêm e as suas faces ruborecem, é evidente que estão apaixonados. Aposta-se, pois, na evidência, quando a prova é impossível de levar a cabo.



Retomando-se o assunto anterior, a resposta é não. As Virgens Negras, negras eram e negras são. E face ao atrás exposto, ganha justificação a questão: se é negra uma boa proporção das Virgens miraculosas do mundo, pergunta BEGG (1985, citado por PENNA, 2009), porque é este um fenómeno tão pouco estudado? Será devido ao peso da Igreja Católica na História e investigação histórica? Santuários de Virgens Negras não faltam. Enumerem-se os mais conhecidos, para além dos já referidos de Nossa Senhora Aparecida e Czestochova. Puy-en-Velay, onde se realiza o jubileu «Grande Perdão», sempre que a Anunciação, 25 de Março, coincide com Sexta-Feira Santa; o último foi em 2005 e o próximo será em 2016. Hal, na Igreja de Saint Martin, Bruxelas; Nossa Senhora de Vilvoorde e Nossa Senhora de Flander, Tournai e Capela de Virgem Negra, Maillen, Assesse (Bélgica); Nossa Senhora de Vie, Avioth (França); Virgem de Evaux les Bains, (França); La Dourade, Toulouse; Nossa Senhora da Boa Esperança, Dijon (França); Nossa Senhora de Rocamadour, Marselha (França); Virgem Negra de Onval (Luxemburgo); Nossa Senhora de Penha de Francia, Salamanca; Nossa Senhoras de Altötting, Baviera (Alemanha); Virgem da Candelária (Colômbia); La Negrita, Cartago (Costa Rica e Tenerife); Catedral da Virgem Negra, Missouri (USA); Nossa Senhora da Eremita e Santa

Maria Loretana (Suíça). Em Portugal, há Nossa Senhora da Nazaré, de Ortiga (Vila Nova de Ourém), Constança e N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Ribamar (Mafra).

### Iconografia

As Virgens Negras de feições africanas, tal como as de feições egípcias, são maioritariamente, escreve BIRRENTO (2003), representadas sentadas em tronos tendo na mão direita uma esfera, que simboliza o globo terrestre ou a Lua e a mão esquerda segurando um bastão ou uma espada, juntamente tendo o filho ao colo, como é exemplo N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Monserrat (Figura 2). Existem várias pinturas sobre Virgens Negras dos séculos XI e XII, diz o mesmo autor, representando «a deusa da terra com o seio do lado direito amamentando um touro, e do lado esquerdo uma grande serpente azul» (2003, p. 46). Este azul é o mar e os rios. A deusa tem feições africanas, umas vezes, e indianas, outras. Esta iconografia lembra a da deusa egípcia Ísis, que se senta num trono e ostenta o bastão numa mão e a *anska* na outra. CALADO afirma que a origem destas imagens é exclusivamente europeia, «sendo um produto do movimento gótico do século XII, ainda que os mitos associados lhes atribuam origens lendárias e maior antiguidade». (2008, p. 2). Quanto à

virgem amamentando, são várias as representações em que amamenta o menino (Figura 3), mas também é célebre a amamentação de Bernardo de Claraval, que recebe um esguicho de leite do seio da Senhora (Figura 4). É pois clara, intencional, e sem sombra de pecado a representação da fecundidade.

### Nossa Senhora Mãe e da Fertilidade

Nossa Senhora, Maria, mãe de Cristo, é uma Senhora de muitas centenas de nomes. REIS (1967) apontou 1.037 nomes. Muitos deles, de Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Bom Parto a Nossa Senhora da Expectação ou Senhora do Ó, encontram-se ligados à fecundidade. Nesta qualidade e com este atributo é orago de muitas paróquias. E, mesmo quando o nome parece não ter ligação a este atributo, o culto não mente. E compreende-se, quando, durante milénios, a alimentação, a fecundidade de homens e animais e a fertilidade dos campos constituíam a maior preocupação do Homem, pois significavam mesa farta ou morte.



Figura 4. Bernardo de Claraval recebe leite, de Maria, e sangue, de Jesus, divinos (Igreja da Boa Hora, Ajuda, Lisboa).

Paralelo a este facto, um outro: as religiões actualizam os seus deuses ou santos, num processo que se pode designar por do mais bárbaro ao mais civilizado, do sacrifício humano à moeda, do santo feio e pesado ao santo lindo e leve. Assim, de Nossa Senhora do Ó ou da Expectação, apresentada claramente grávida, a Nossa Senhora da Conceição que não apresenta gravidez, mas cujo nome não engana: Conceição = concepção. Acrescente-se que Nossa Senhora do Ó, ao contrário do que se dizia, e ainda diz ALMEIDA (2004), não vem das 7 Antifonias do Advento (17 a 23 de Dezembro), em que Deus, do Antigo Testamento, é chamado por sete nomes diferentes: Ó Sapientia, Ó Adonai, Ó Radix, Ó Clavis, Ó Oriens, Ó Rex, Ó Emmanuel; em português, sabedoria, supremo senhor (cananita), raiz, chave, estrela do oriente, rei e emmanuel; vem sim do aspecto da sua barriga (Figura 5).

Aliás, o autor atrás referido, ALMEIDA, acaba por escrever que «a forma arredondada do ventre da Senhora nas imagens reforçam e corroboram o designativo popular de Nossa Senhora do Ó» (2004, p. 167).

A festa litúrgica de Nossa Senhora da Expectação era a 18 de Dezembro e, dizia REIS, «até há poucos anos, constava do Calendário Universal da Igreja» (1967, p. 214). O mesmo autor diz ser orago de 25

paróquias, mas já o foi de 50. Mas este autor vai mais longe e afirma que «se fossem alguns homenzinhos da minha terra diriam que esta Senhora era prima da Senhora do Ó, e comadre de Nossa Senhora Ante Natal; e os de Évora diriam que era muito amiga de Nossa Senhora do Anjo» (2004, p. 215).

Quanto a Nossa Senhora do Ó, diz REIS (1967) que esta festa vem já do Concílio de Toledo, século VII. Terá começado como Nossa Senhora da Anunciação, depois passou a Nossa Senhora de Expectação do Parto de Nossa Senhora e Nossa Senhora do Ó. É orago de mais de uma dezenas de paróquias e várias capelas e ermidas. Nossa Senhora tem, hoje, oito festas fixas, incluindo N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima e de Lurdes; em 1906 tinha onze, como se observa no Quadro 1.

Perdeu peso a vida de Nossa Senhora, descrita ao longo do ano litúrgico, bem como as suas funções de Senhora da fecundidade e da cornucópia: Mercês e Carmo. Conclui-se que perdeu peso, no processo civilizacional referido, a fecundidade claramente representada que começa a ser percebida como indecorosa ou pecado aos olhos e pensamentos, algo hipócritas, de muitos clérigos e leigos.

Quadro 1. Festas de Nossa Senhora

	1906	2011
Nossa Senhora da Paz	24 Janeiro	
Candelária, Purificação de Nossa Senhora	2 Fevereiro	11 Fevereiro
Nossa Senhora de Lurdes		
Anunciação de Nossa Senhora		13 Maio
Nossa Senhora de Fátima	25 Março	16 Junho
Nossa Senhora do Carmo		20 Junho
Imaculado Coração de Maria		
Visitação de Nossa Senhora	2 Julho	
Nossa Senhora do Carmo	16 Julho	
Nossa Senhora dos Anjos	2 Agosto	
Assunção de Nossa Senhora	15 Agosto	
Natividade Nossa Senhora	8 Setembro	8 Setembro
Nossa Senhora das Dores		15 Setembro
Nossa Senhora das Mercês		
Nossa Senhora do Rosário	24 Setembro	7 Outubro
Apresentação Nossa Senhora	21 Novembro	
Imaculada Conceição Senhora	8 Dezembro	8 Dezembro

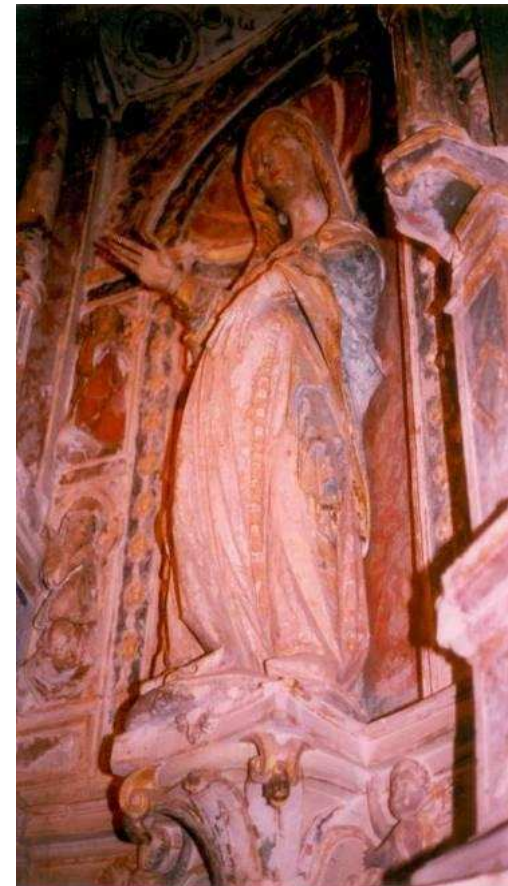


Figura 5. Nossa Senhora do Ó, Montemor-o-Velho: a gravidez não se esconde, nem é doença.



Figura 6. N.ª Sr.ª da Conceição (Castelo Branco).

### Virgem Negra, Maria Madalena e Nossa Senhora

«Sou morena mas sou bela, filhas de Jerusalém, como as tendas de Cédar, como os pavilhões de Salomão. Não repareis na minha tez morena; pois fui queimada pelo Sol, Os filhos de minha mãe irritaram-se contra mim; puseram-me a guardar as vinhas, mas não guardei a minha própria vinha» (Ct 1, 5-6).

Esta é a morena de Salomão. Bernardo de Claraval afirmou que este cântico de amor entre a morena e o rei não era mais que o amor entre Cristo e a sua Igreja. Menos celestial ou místico e mais «terra a terra», o mesmo é dizer mais próximo da tradição, o bispo de Roma, Hipólito (170-235), associou esta morena a Maria Madalena. Na verdade o culto de Maria Madalena transporta a cultos muito antigos que valorizavam a fecundidade e fertilidade, ao mesmo tempo que leva até aos tempos em que a prostituta não possuía, pelo menos na aldeia portuguesa, a conotação negativa que hoje possui. Até à década de 1960, do século passado, a prostituta da aldeia era conhecida de todos e todos conheciam os pais dos seus filhos. Não era desprezada ou criminalizada. É certo que não era tida como uma mulher como as outras, mas não era hostilizada pelas outras mulheres. Conheceram-se

algumas no Concelho de Idanha-a-Nova. A do Ladoeiro, concelho de Idanha-a-Nova, Belzandra, teve cinco filhos. Um deles era da idade e amigo do autor deste trabalho e até partilhava com ele os dois primeiros nomes. A prostituição sagrada era tida como algo necessário e positivo na relação com os deuses e o divino, enquanto que a prostituta da aldeia era necessária à iniciação dos rapazes e, igualmente e, conseqüentemente, à segurança das raparigas virgens. Maria Madalena tem a festa litúrgica a 22 de Julho. Mas, nas Beiras, a sua festa é na Segunda-Feira depois da Páscoa, como acontece com muitas romarias de outras santas. No Rosmaninhal, Idanha-a-Nova, é neste dia que todos dizem: «vamos à Santa». Nas Sarzedas, Castelo Branco, a capela fica no Vale da Santa. Santa é a tradução de *Qaddesh*, como afirma ESPÍRITO SANTO (1988), termo hebraico designativo da prostituta sagrada. *Qaddesh* era um dos atributos da deusa cananita-fenícia Astarté. Astarté era o princípio feminino de Baal e designada por Beltis, entre os Caldeus e por Ishtar entre os Babilónicos. Um dos seus emblemas é o Crescente Lunar. Como afirma ESPÍRITO SANTO, «Ishtar-Astarté é fundamentalmente a Lua» (1988, p. 208). E a Lua encontra-se em ligação tão directa e tão forte com a chuva e a vegetação que muitas das divindades da fertilidade são, simultaneamente, divindades lunares, casos de Hator e Ísis. Não

admira, então, que estas divindades transportem a lua e/ou um par de chifres. Os cornos são elementos característicos da Grande Mãe e a imagem da Lua Nova. Compreender-se-á esta mística lunar lembrando que a Lua sempre se renova, sempre retorna à forma inicial. Este eterno retorno, afirma ELIADE, «esta periodicidade sem fim, fazem com que a Lua seja, por excelência, o astro dos ritmos da vida» (1949, p. 206).

Nas Figuras 6 e 7 vemos N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da Conceição (Castelo Branco e São Miguel de Acha): o Quarto Crescente e os anjos, mas sem serpente. Na segunda, a Senhora sobre o Mundo; na primeira, o menino com o Mundo na mão. Estas deusas ficam sós, sem marido, o pai do filho, tal como acontecerá com Maria, mais tarde. No Antigo Egipto, foi Ísis, deusa que concebeu Horus sem Osíris. Tal como Ishtar e Vénus, escreve SANTO, «Ísis foi a deusa do amor, mas do amor reprodutor e casto, do instinto reprodutor [...] Ísis acabou por concentrar em si todos os atributos da Deusa Mãe» (2004, p. 147).

O Catolicismo tem em Nossa Senhora da Conceição a seguidora destas deusas, a começar pelos atributos contidos na sua imagem: serpente e crescente lunar (foto 5). A serpente, afirma ESPÍRITO SANTO (2004), é

um símbolo da Grande Mãe e o crescente lunar nada mais que o culto antecessor ao desta Senhora.



Figura 7. N.ª Sr.ª da Conceição (S. Miguel de Acha)

As primeiras imagens de Maria (e como ficou dito, o seu culto, como o dos santos católicos, é indissociável das imagens), são do Século XII. É no século XII, diz MARQUES (2009), que desponta o culto a Maria e Bernardo de Claraval foi um dos seus iniciadores. Até então, afirma ESPÍRITO SANTO (2004), o povo adorava directamente a Lua, culto este que terá durado mesmo até ao século XX, tanto mais que a presença da Lua nos trabalhos da mulher aldeã foi determinante e aceite como tal. E até ao século XII?

A festa da Imaculada Conceição, celebrada a 8 de Dezembro, segundo ALMEIDA (2004), só é introduzida no século XVI, algures entre 1513 e 1567. E Maria Madalena é a antítese de Maria, a mãe de Cristo: uma, prostituta; outra, virgem. Mas duas que são uma só, como dizem velhos textos coptas, tal como antigas deusas do Médio Oriente, escreve HUSAIN (2001), Inana, e Istar, que eram ambas as faces, em simultâneo. Até ao século XII, até ao culto de Maria, poderá ter sido o culto de Maria Madalena o dominante. Algo possível, não só pelo seu epíteto de «Santa», mas também por ter sido a mais próxima de Cristo.

Da sua força e poder junto dos Apóstolos, fala o Evangelho apócrifo de Maria Madalena. Quando os Apóstolos estão cheios de medo de ir

pregar, segundo a última ordem de Cristo, Maria Madalena levanta-se e diz: «não vos lamentais nem sofrais, nem hesiteis, pois sua graça estará inteiramente convosco e vos protegerá» [depois] «Pedro disse a Maria: irmã, nós sabemos que o Salvador te amava mais que ao restante das mulheres. Diz-nos as palavras do Salvador que te lembras, que tu sabes, mas que nós não sabemos, nem ouvimos». No final do Evangelho, Levi diz aos Apóstolos: «Certamente o Salvador a conhece bem. Daí a ter amado mais do que a nós». Esta passagem mostra bem como os contemporâneos (séc. II/ III) olhavam Maria Madalena. Madalena seria a amada de Cristo e teria acesso a palavras que mais ninguém teria. Aliás, repete-se, já Hipólito, bispo de Roma, século III, no comentário feito ao «Cântico dos Cânticos», afirmava que a noiva não é outra senão Maria Madalena. Para este bispo, Maria Madalena era a oposta a Eva: esta trouxe o pecado ao mundo e a conseqüente queda; aquela foi testemunha da efectiva subida de Cristo ao céu e conseqüente salvação do homem.

VORÁGINE (1987), a fonte primeira de muitos santos, faz descender Maria Madalena de reis e afirma-a como a escolhida de Cristo. Esta preferência de Cristo era tão profunda que ressuscitou Lázaro, o irmão de Maria Madalena, escreve VORÁGINE (1987), quatro dias depois de

morto. Isto não seria permitido, mesmo a um deus, pois o terceiro dia é o último em que é possível a ressurreição. A partir deste, o corpo entra em fase de putrefacção irreversível. É assim que Leonardo Boff explica a verdadeira teimosia pelo «ressuscitou ao terceiro dia», quando Cristo não terá passado mais que dois no túmulo, ou mesmo um só, pois que enterrado na Sexta-feira Santa, há sessenta anos, ressuscitava Sábado de Aleluia.

Desta importância, nem vale a pena chamar o célebre romance «O Código da Vinci», para perceber que houve algo muito profundo entre Cristo e Maria Madalena. Pegue-se nos evangelhos canónicos e afirme-se pela negativa. Se Cristo não tinha ligação especial a Maria Madalena, porquê a sua atitude condescendente, e até de engrandecimento, dos seus actos, nomeadamente a de lhe deixar lavar e perfumar os seus pés e louvar esta atitude perante todos, inclusivé o seu hospedeiro? Se nada havia de especial entre ambos, porque foi, (e se foi, é porque Cristo, Filho de Deus, quis que fosse), Maria Madalena a acompanhar Maria e João aos pés da cruz? Se nada havia entre os dois, porque foi Maria Madalena a primeira pessoa a deslocar-se ao sepulcro e a vê-lo vazio? Se nada havia entre ambos, porque foi Maria Madalena (e não Maria sua mãe, por exemplo), a quem Cristo ressuscitado apareceu em



primeiro lugar? (Lc 7, 36-50; Mt 27, 56; 61; 28,1; Mc 15,40; 47; 16,1; 9-11; Jo 19, 25-27; 20,1).

E a estas quatro questões, que surgem da análise dos relatos evangélicos, uma outra, dupla, se coloca, esta em relação ao comportamento da Igreja Católica e à Teologia eclesiástica: porquê ter santificado uma prostituta, exactamente Maria Madalena? Não terá sido pelo seu arrependimento, pois de milhões de arrependidos, diz-se, «está o Inferno cheio»! E se canonizou Maria Madalena, porquê a (quase) nula utilização desta santa na Liturgia anual? Ter-se-á tratado de uma canonização obrigatória, mas envergonhada, tanto mais que, no dia de Maria Madalena, 22 de Julho, uma das leituras, à escolha, para a missa do dia, é do «Cântico dos Cânticos», um hino ao amor. Certo é que há uma difícil gestão da vida de Maria Madalena por parte da Igreja Católica, que até colocou duas santas padroeiras das prostitutas no calendário católico. Segundo HALLAM (1998), Margarida de Cortona é padroeira das prostitutas desesperadas e Maria Madalena, das prostitutas arrependidas

Esta canonização e culto algo envergonhados são referidos por BARBAS afirmando que a tradição referente a Maria Madalena a

apresenta como sombra de muitas outras silhuetas femininas, cristãs e não cristãs; «partilhando dos campos do sagrado e do profano, preocupa eclesiásticos [...] e transmuta-se ao longo dos tempos» (1997, p. 5). Com o Concílio de Trento, rebenta a querela à volta de Maria Madalena, desvirtuando-se o seu relacionamento com Jesus, bem como a sua importância nos séculos iniciais do Cristianismo. Isto porque, continua a autora, este relacionamento com o divino é «dogmaticamente incómodo» (1997, p. 9).

Há pois certa vergonha católica face a algumas santas e em determinadas alturas. É também o caso de Santa Bárbara, cuja fisionomia se assemelha a Maria Madalena. O seu dia de culto era 4 de Dezembro, mas a Igreja retirou-a. Aliás, esta santa merece estudo à parte. A sua imagem aparece ladeada de uma torre com três janelas (as três pessoas da Santíssima Trindade, segundo a lenda), mas com porta de entrada. Lendo e analisando contos e lendas, sabe-se que quando uma jovem é encerrada numa torre, casos de Rapunzel ou Bela Adormecida, esta não possui porta. Se a torre apenas tiver janela, é sinal que a jovem é virgem; se tiver porta, é prostituta.

Quem não se envergonha é a cultura/religião popular, e não só a portuguesa, pois o cinema se apropriou deste arquétipo e realizou «A Última Tentação de Cristo» (1988), de Martin Scorsese, enquanto que, na literatura, mais tarde passado a filme, Van Brown escreveu o «Código da Vinci», e José Saramago já escrevera o «Evangelho Segundo Jesus Cristo» (1991). E, já antes, retomando, como todos os anteriores, a «Legenda Áurea», Andrew Lloyd Weber enaltece Maria Madalena colocando na sua boca a (possivelmente) mais bela canção da ópera rock Jesus Christ Super Star (1970), «I don't know how to love him». Todas estas obras tiveram enorme sucesso, o que diz da força e da universalidade deste arquétipo.

Quem também não tem vergonha de Maria Madalena é Lisboa que a imortalizou num fado de Gabriel de Oliveira (letra). Fado este que terá causado alguns embaraços à Igreja Católica durante a governação de Salazar. O que, se compreende, tomando-se atenção à letra, que aproxima, carnal e amorosamente, Maria Madalena a Cristo. Um amor de tal modo puro e forte que a levou ao céu:

«Quem por amor se perdeu  
Não Chore, não tenha pena.  
Uma das santas do céu  
Foi Maria Madalena...

Jesus só nos quis mostrar  
Que o amor não se condena.  
Por isso, quem sabe amar  
Não chore não tenha pena.

E de tanto que pecou,  
Da maior à mais pequena,  
Ai, aquela que mais amou,  
Foi Maria Madalena».

Desse amor que nos encanta  
Até Cristo padeceu,  
Para poder tornar santa  
Quem por amor se perdeu.

A Virgem Nossa Senhora,  
Quando o amor conheceu,  
Fez da maior pecadora  
Uma das santas do Céu.

Mas, porque a ser verdade tem de haver mais exemplos, um outro que também revela esta paixão portuguesa pela mulher amorosa, delicada e dominadora e, igualmente, a introduz na vida de Cristo. É a mulher samaritana apresentada num acto bem sensual de tirar água de um poço falando com Jesus (Lc 4,1-30). Um acto milhares de vezes visto nas aldeias portuguesas quando, ao fim do dia, as moças iam à fonte baloiçando as ancas e os moços, nas esquinas, a vê-las e desejando-as. Também Coimbra não tem vergonha desta mulher que, de forma tão pura quanto enlaçante, prende Cristo e, uma vez mais, embarçou a Igreja Católica portuguesa. Este acto immortalizou Eduardo Bettencourt (letra e música) no fado «Samaritana»:

«Dos amores do redentor  
Não reza a história sagrada,  
Mas diz uma lenda encantada  
Que o bom Jesus sofreu de amores.

Samaritana, plebeia de Sicar,  
Alguém espreitando te viu Jesus beijar,  
De tarde, quando foste encontrá-lo só,  
Morto de Sede, junto à fonte de Jacob.

Sofreu consigo e calou  
Uma paixão divinal,  
Assim como qualquer mortal,  
Um dia de amor palpitou.

E tu, risonha, acolhete  
O beijo que te encantou.  
Serena, empalideceste,  
E Jesus Cristo corou.  
Corou por ver quanta luz  
Irradiava da tua fronte,  
Quando disseste, ò bom Jesus,  
Que bem eu fiz, Senhor, em vir à fonte».

Voltando a Maria Madalena e à sua ligação às Virgens Negras, CALADO (2008), seguindo Vorágine, escreve que uma lenda faz descender a casa real dos Merovíngios de Maria Madalena e Jesus Cristo, que teria procurado refúgio em Les Saintes Maries de la Mer, 13 anos após a crucificação; diz o sítio Remanso (2009) que aqui viveu 30 anos, em reclusão, Para os que acreditam nesta lenda, o culto das Virgens Negras seria o culto secreto a Maria Madalena. E os ciganos acreditam nisso, pois, anualmente, aqui se juntam milhares para

celebrar Sara Kali, santa negra guardada numa cripta. Na procissão, mergulham a imagem na água para que sejam renovadas as suas qualidades de cura e fertilidade, à maneira de antigos cultos a Cibele, Ísis e Hera. Onde há uma Virgem Negra, bem próximo, há uma capela da Santa Maria Madalena, o que diz da proximidade dos dois cultos. Esta santa tem a sua festa a 22 de Julho. Um culto, diz BARBAS (2003), associado a pedras, dólmens, grutas e fontes, mas também ligado a grutas, mesmo nos tempos actuais, caso da Virgem Negra do Barça. O clube de Barcelona tem uma imagem da virgem negra de Montserrat, bem no interior do *templo catalão*, a metros antes da entrada no campo de futebol. Diz Paco Fortes, antigo jogador do Barça: «aqui é a capela da Virgem de Montserrat onde todos os jogadores catalães vêm rezar antes de entrar em campo [...] Nós chamamos-lhe a Moreneta, porque é a única virgem negra do mundo».<sup>2</sup> É claro que esta afirmação de exclusividade tem mais a ver com a fé ou superstição e nacionalismo que com a verdade, pois a catedral de Barcelona tem uma bem à vista. Mas diz bem da *profundidade* de um culto. Por outro lado, estes elementos, pedras, fontes e grutas, aparecem associadas a cultos de fertilidade. A dificuldade e o problema reside nas profundas alterações

que a cristianização introduziu nos mitos e ritos que, como diz WALTER (2003) marginalizou, como pretendia, a sacralidade pagã que neles é invocada.

A nota de imprensa distribuída pela Direcção Regional de Cultura do Algarve, quando da inauguração do Centro Interpretativo, na ermida de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Guadalupe, é bem reveladora das associações milenares à Virgem Negra, isto é, enterrada na terra ou numa gruta, encontrada por um pastor ou guerreiro, maravilhosos milagres a ela associados e, quase sempre, os Templários a ela associados; em quinto lugar, é imagem do século XII ou posterior: «A Virgem de Guadalupe é uma imagem, de tez negra, com uma cronologia do século XII. A lenda associada à imagem relata que a mesma pertenceu a S. Lucas e foi levada para Sevilha por S. Isidoro. Com a invasão muçulmana, em 711, a imagem foi enterrada nas proximidades de Cáceres e descoberta por um pastor em 1326. Associado a este mito de origem, existem narrações de assombrosos milagres. O culto a Guadalupe terá sido introduzido em Portugal em 1340, após a batalha do Salado. Não obstante, existem histórias que relacionam a ermida de Guadalupe, na Raposeira, com a famosa lenda sobre um grupo de cavaleiros

---

<sup>2</sup> «Record», 3-3-2006, p. 29.

Templários que teria fugido de França quando da extinção da ordem em 1307» (2008, p.1).

Para os que acreditam nesta lenda, diz BRANCO (2008), a ermida do Algarve encerra a chave para chegar ao célebre segredo dos Templários. O que liga e entrelaça Virgem Negra, Maria Madalena e Templários.

D. Fuas Roupinho, outro caso, achou a imagem da Virgem da Nazaré, que é negra também, numa gruta, em 1182 (século XII) onde havia sido enterrada pelo monge Romano ou alguém próximo dele. Mas antes das divindades agrárias, diz ELIADE (1992), haviam as divindades telúricas. Talvez a Virgem Negra seja a que faz a passagem entre ambas. Escreve o autor que «as divindades agrárias substituem arcaicas divindades telúricas, mas sem que esta substituição implique a abolição de todos os ritos primordiais [...] A passagem da Terra-Mãe à Grande Deusa agrícola é a passagem da simplicidade ao drama» (1992, p. 330).

Não restarão dúvidas da ligação de Maria Madalena à fertilidade e às deusas mais antigas através do atributo «prostituta». Ora, quando o Concílio de Cartago, com a presença activa de Santo Agostinho, obriga o alto clero a separar-se das suas esposas sob pena de perder os

direitos sacerdotais; quando, a partir desta data, o pecado original é introduzido e uma mulher, Eva, é tida como a principal responsável pela introdução do pecado no Mundo, Maria Madalena começa a ser vista, não como a mulher próxima de Jesus, mas como a pecadora e, passo seguinte, Maria Madalena é afastada da luz do dia tal como antes havia sido Lilit, a primeira mulher que Deus criou e deu a Adão. Esta, ao que diz a tradição, recusou-se a fazer sexo com Adão na posição missionária, por debaixo, pois havia sido criada ao mesmo tempo que Adão. Outra tradição, escreve ESPÍRITO SANTO, diz que ela abandonou Adão por ele ser «demasiado conformista com as ordens de Deus» (2004, p. 173). Deus castigou-a e transformou-a em serpente. Esta serpente é a Grande Mãe iniciadora, aparecendo a serpente como uma hipóstase sua. Explique-se.

O pelagismo é condenado pelo concílio de Cartago, em 412. Inocêncio I condena-o em 416, muito a pedido de Santo Agostinho. Com escreve LE GOFF, «negar o pecado original, explica Agostinho, é negar a salvação de Cristo, isto é, a graça que é o dom de Deus ao homem [...] Foi ao ler o apóstolo Paulo que Agostinho teve esta revelação da primazia absoluta da graça sobre toda a iniciativa humana» (1992, p. 196). Santo Agostinho dá à concupiscência o estatuto de desejo sexual,

ainda que São Paulo já utilizasse esta palavra no plural, e, através da concupiscência, une definitivamente pecado original e sexualidade. Santo Agostinho não se cansará de repetir que a concupiscência propaga o pecado original. O bispo de Hipona afirma que a «humanidade foi gerada no pecado que acompanha qualquer acasalamento, por efeito da concupiscência que forçosamente aí se manifesta». Pertence a Santo Agostinho, diz ESPÍRITO SANTO (2004), a célebre afirmação: «inter faeces et urinam nascimur» (nascemos entre as fezes e a urina). Santo Agostinho será pois o grande responsável pela diabolização da carne e, causa-efeito, pela expansão e fixação no Catolicismo da diabolização da serpente do Gênesis. Assim ficou possível passar-se da serpente, hipóstase da deusa mãe, iniciadora, reveladora, fecundante e maternal, feminina, para uma serpente diabólica, má e masculino. É assim que aparece o Diabo. Diabo que, na cultura popular, expressa nos contos, até é boa pessoa. Quem é o Diabo?



Figura 8. Virgem Negra de Nazaré. Santuário da Nazaré.

## O Diabo Eclesiástico e o Diabo Popular

O Diabo existe? Sim. O Diabo existe porque Santo Agostinho o concebeu, a conjuntura da sua época o exigiu, a Igreja Católica o necessitou, o Mediterrâneo e o Ocidente há muito que o desejavam, e ao longo tempo, sob a alçada do Catolicismo, o confirmou. Eis a hipótese aqui defendida: a intelectualização do diabo, isto é, a Teologia e o dogma judaico-cristão, transformaram um personagem amável, amigo do seu amigo, atraente, o doador da luz ao homem, num ser animalesco, hediondo e rei do mal e da escuridão. O início desta transformação pode ser colocada no século VI a.C. e no *Livro de Job*, enquanto que a sua afirmação poderá ser colocada do século IV, com Santo Agostinho, ao ano 1000, com Raul Glaber, a quem pertence a primeira descrição do Diabo em carne e osso e, definitivamente, com a dogmatização da «Queda», pelo IV Concílio de Latrão, 1215. Aliás, esta transformação do Diabo em alguém animalesco, segue velha tradição. O personagem chefe do culto das bruxas, escreve MURRAY (1921), era denominado de Diabo, Satanás, Lúcifer, Belzebu, Inimigo da Salvação, Sujo Inimigo ... Ora, esta ideia de que o Diabo fosse um animal, não é diferente da imagem existente desde a Pré-História, de um homem

vestido em pele de animal, uma imagem ainda visível em Entrudos populares, algo cada vez mais raro devido ao abrasilamento do Entrudo.

Sigam-se alguns livros da Bíblia e identifiquemos quem espalha o mal pelo mundo. «Era o tempo da ceifa do trigo e o Senhor enviou a peste a Israel, desde a manhã daquele dia até ao prazo marcado». «O espírito do Senhor retirou-se de Saúl, que era atormentado por um espírito mau, enviado pelo Senhor [...] E sempre que o espírito mau atormentava Saúl, David tomava a harpa e tocava. Saúl acalmava-se, sentia-se aliviado e o espírito mau deixava-o». Aqui, é o Senhor quem envia o mal. Nas *Crónicas*, que repetem *Samuel*, há já alguma diferença. Aqui, é o Senhor quem manda o mal ao mundo, mas através do seu anjo, uma espécie de demiurgo. (2Sam 16,14-16;23; 1 Cro 21, 14-16).

Com Job, o espírito mau enviado pelo Senhor passa a ter nome (Job 1,6-7; 1,12 e Job 2,1;2,6-7). O verbo significando acusar, «Satan» é substantivado e usado, no episódio da Balão, como significando impedidor ou obstáculo. Podia igualmente ser usado no sentido de acusador legal ou processador e que se posicionava à direita para exercer a sua função, enquanto a sessão de justiça era presidida pelo

anjo de Javé (Zacarias). Também os acusadores de Job se colocaram à sua direita (Num 22,22; Sl 109,6; Zac 3,1-2; Job 30, 12-16).

No *Livro de Job*, Satan aparece com o artigo, O Hassatan (o Adversário), no sentido de acusador e, dentre de todos os filhos de Deus, ele é o fiscal das acções humanas e o distribuidor do mal. Eis a substantivação de uma função adjectiva. Como refere LÉVÊQUE (1980), é o único anjo a ser nomeado individualmente e continuará a sê-lo por muito mais tempo ainda. Nomeado com o artigo, aparece igualmente em *Zacarias* 3,1-2 e inserido na corte celeste. São casos únicos, mas só em 1Cron 21,1 Satan se tornará num nome próprio. Quanto à ideia de uma rebelião contra Deus, só na época intertestamentária se imporá em Israel, em grande parte, devido ao *Livro de Daniel* e ao *Livro de Henoque*. Possivelmente, devido ao contacto com a demonologia persa, a batalha transcendental entre Deus e Satan foi introduzida no judaísmo tardio. Diz o Livro assim: «depois o Senhor disse a Rafael: agarra Azazyel, ata-lhe os pés e as mãos; lança-o às trevas e abandona-o no deserto de Dudael [...] E quando se erguer no dia do julgamento, mergulha-o no fogo». Esta batalha descrita no Livro de Henoque mostra grandes afinidades com a luta grega entre Zeus e os

Titãs, conforme Hen 10, 6;9 (Job 1,6-12; 2,1-6; Job 1,7-8; 2,2-3; Job 1,12; 2,6).

Da utilização do termo *Belzebu*, lê-se no segundo Livro dos Reis: «depois da morte de Acab, Moab revoltou-se contra Israel. Ocozias que se encontrava no andar superior de sua casa, em Samaria, caiu da janela e feriu-se gravemente. Enviou então mensageiros dizendo-lhes: ide consultar Baal-Zebud, o deus Acaron, para saber se irei ser curado do meu mal». Fala-se de Baal-Zebud, um «Senhor» Zebud da religião caldeia. Deste Baal-Zebu se passa para o actual Beelzebu, no Novo Testamento (2Re 1,1-4 e 1Cor 5,5).

Está pois definido o percurso de uma (nome)ação. Com os primeiros escritos cristãos, a serpente de Gen 3 será identificada com Satan. Como diz a Sabedoria, «ora Deus criou o homem para a imortalidade e o fez à imagem da sua própria natureza. É por inveja do demónio que a morte entrou no mundo e os que pertencem ao demónio prová-lo-ão» (Sab 2,24). É aqui que São Paulo e os primeiros cristãos vão buscar a base para a identificação da serpente do Génesis com o Diabo. Este texto do livro Sabedoria traduz, para o grego, com a palavra diabo, que significa caluniador e acusador, o mesmo que o hebraico Satã.



Retomando São Paulo, pode-se ler que «por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte» (Rom 5, 12-19).

Santo Agostinho é um marco nesta problemática, como em outras. Foi baptizado em 387, em Milão. Lança-se então ao combate pela unidade dos cristãos, unidade esta ameaçada por todos os lados e pelas mais diversas heresias. A mais poderosa de todas é a de Pelágio, monge inglês, baptizado em Roma, no ano de 380. Para este monge e seus seguidores, não houve pecado original.

O pelagismo, como foi dito, é condenado pelo concílio de Cartago, em 412. Inocêncio I condena-o em 416, muito a pedido de Santo Agostinho. O bispo de Hipona segue de perto São Paulo e afirma que negar o pecado original é negar a salvação de Cristo. Face à perigosa conjuntura na jovem Igreja, Santo Agostinho vai sistematizar e dramatizar este ponto, já que nem a teologia judaica teve o pecado de Adão como uma catástrofe, nem os cristãos do Oriente têm este pecado numa categoria maior.

Doravante, a estratégia da Igreja Católica, nesta longa guerra contra as «religiões pagãs», passa por conotar as suas crenças com os demónios. É o que claramente transparece do *De Corretione*

*Rusticorum* (572), de São Martinho do Dume, citado por SILVA (1993). Como resolver este problema que é a continuidade do «paganismo»? A resposta assentou na criação de novos espaços sagrados, de basílicas e santuários, no desenvolvimento do culto dos santos, nas procissões e celebrações públicas da fé. Outro meio foi Satanás. Satanás, que já estava integrado na visão cristã do além, passava agora a ser integrado na vida quotidiana.

Apesar de o processo de cristianização ter sido mais forte na época carolíngia do que nos tempos merovíngos, não pode fazer desaparecer esse conglomerado de crenças subjectivas a que se costuma chamar o sagrado pagão. Como diz E. PATLAGEAN, «o saber pré-lógico, as intuições femininas, as receitas mágicas, poções, filtros e outros giram todos à volta das mesmas obsessões, o amor, a morte e o além. Os esforços de cristianização tentaram afastar o medo das forças do mal, transferindo-as para a figura do diabo, de modo a libertar a consciência pessoal (...) A penitência e o casamento foram, provavelmente, os meios mais eficazes de cristianização da vida privada» (1991, pp. 526-527).

Ainda dentro desta estratégia de combate ao paganismo, por parte da Igreja Católica, pode-se colocar o hábito de terrificar determinados acontecimentos e datas no sentido de demonstrar a força de Deus face ao mal e ao Diabo. É o caso da «invenção» do Ano Mil. O terror do Ano Mil não existiu. Foi Raul Glaber, diz LANGELLIER (2000), quem inventou tudo isto e o cardeal César Barónio, historiador oficial da Igreja, quem o forjou, no dealbar do século XVII.

Apresentámos o Diabo da Teologia eclesiástica e da Tradição. Mas outras fontes, os Contos Populares Portugueses, dão-nos outro Diabo (e até outro Deus) que, sob o mesmo nome, é outra pessoa. Mas porquê os Contos. Façamos um parêntesis e justifiquemos. Um conto não é uma mera série de palavras, mas antes uma sequência de eventos e de acções com todo o sentido. Com diz BURKERT, «os contos são inteligíveis, requerem empatia e dominam frequentemente a comunicação. O conto é a forma através da qual uma experiência complexa se torna comunicável». O conto é a forma através da qual as sociedades tradicionais, pré-literárias, transportavam a sua tradição.

O Diabo, na cultura popular portuguesa, aparece como uma boa pessoa e até como bom advogado, bem melhor que outros seres a quem

habitualmente se reza. Como escreve ESPÍRITO SANTO (2000), o Diabo popular é «um personagem simpático e habilidoso». O Diabo do conto «O Preço dos Ovos» salvou um embarcado de ser condenado em tribunal. No conto «O Diabo e o Pintor», salva o pintor dos desvarios da mulher. O Diabo é boa pessoa e as pessoas gostam dele. Veja-se por exemplo, o caso do Diabo e da Diaba de Amarante, que são um exemplo do culto erótico e a devoção popular pelo Diabo. Não é de estranhar este culto, pois Amarante é conhecida pelo seu São Gonçalo, um santo que tem este culto ainda hoje. É um ser tão normal que, às vezes, até parece parvo, pois que se deixou enganar pela amendoeira, pelos homens e, quase sempre, pelas mulheres, seja na forma de mãe, seja na de sogra ou esposa. A propósito, dizem vários contos populares, coitado do homem quando ambos, diabo e mulher, se aliam! Nem Deus quer nada com eles juntos, visto que não conseguiu evitar que Noé metesse o Diabo na Arca.

Mas, como nasceu (este) Diabo? Esta é a pergunta que teólogos e povo colocam e cada qual dá a sua resposta. Continuando a seguir os Contos Tradicionais Portugueses, em «Luz de Vela», diz-se que Deus foi fazer o Inferno e ficou Luz-de-Vela, o maior anjo do céu, na cadeira divina. Quando regressou, Luz-de-Vela não lhe quis dar a cadeira alegando

que Deus Iha tinha dado. Como castigo, Luz-de-Vela passou a ser o maior diabo do Inferno. Chama-se Lúcifer = *Lux + fero* = transportador da luz. Uma história bem próxima da história do grego Prometeu.

### Bernardo de Claraval e os Templários

Os Templários têm uma história secreta ainda por desvendar. É o que afirma GARTEN (1987) e há razões para nisto crer. Para além de estar envolvido na criação da Ordem, e na execução da sua Regra, Bernardo de Claraval, personagem dominante no seu tempo na Europa Central e Ocidental e, muito especialmente, em Portugal, outros factos inexplicáveis transportam mistério. Anotem-se alguns, chamando a atenção para as inumeráveis evidências.

Hugo de Payens fundou a Ordem do Templo, com oito companheiros, em 1118- Estiveram nove anos na Terra Santa, não se sabe a quê. Em 1127, reuniu-se o Concílio de Troyes, que dá aos Templários a sua Regra e privilégios vários e excepcionais. Quarenta anos depois, escreve GARTEN, os Templários haviam erigido um notável império: 30 mil guerreiros, uma poderosa frota, portos próprios, grandes possessões

territoriais, magníficos castelos e fortalezas ... sem deixar de anotar, naturalmente, a fabulosa fortuna da Ordem que a fazia credora, entre outras coisas, de reis e príncipes» (1987, p. 72). Com todo este poder, qual o objectivo dos Templários? Estabelecer um império universal assente na fraternidade e na igualdade? Se quisessem estabelecer um império terreno, podê-lo-iam ter feito, pois possuíam poder financeiro e militar como mais ninguém. Também possuíam saberes vários secretos obtidos na Palestina junto de outras religiões, caso dos «Assassinos», como refere GARTEN (1987). Os assassinos eram ismaelitas, que tomaram o seu nome de Ismael, filho do sexto Imã Djafar. Viviam em organização secreta em virtude da perseguição que eram alvo por parte dos sunitas, representantes da ortodoxia muçulmana. Certo é que Bernardo de Claraval, o personagem dominante da Cristandade no século XII, repete-se, é o guia espiritual da Ordem do Templo, continua GARTEN (1987), e é entre 1130 e 1180 que são construídas a maioria das catedrais góticas europeias. No respeitante a Portugal, não será coincidência a *presença* de Bernardo de Claraval na idealização e construção do Mosteiro de Alcobaça, o segundo da Ordem de Cister; tal como não será o lugar de Ordem nacional que os Templários vão ter em Portugal. Como afirma DEMURGER (1989), o rei português, em 1169, concede à Ordem um

terço das terras conquistadas a sul do Rio Tejo. O primeiro Mestre da Ordem dos Templários em Portugal é o francês Hugues de Montoire (1143). Mas, a partir de 1156, com Gualdim Pais, será sempre um português. Também não terá sido coincidência o excelente acto diplomático e estratégico de D. Dinis que faz passar os bens e demais conhecimentos da Ordem do Templo para a Ordem de Cristo, aquando da extinção em 22 de Março de 1312, pela bula *Vox in Excelsis*, de Clemente V. A atracção que os Templários despertam, afirma GANDRA (2006), está bem demonstrado quer nos inúmeros títulos editados, quer nas numerosas Ordens do Templo criadas nos últimos cem anos, cada uma reivindicando a exclusividade da herança templária.

## Conclusão

O culto de Nossa Senhora, na vertente da fecundidade, Nossa Senhora da Expectação e, principalmente, Nossa Senhora da Conceição, encontra-se espalhado por toda a Beira Interior, sendo orago de muitas paróquias. Porém, ao contrário do que pensávamos, no início da nossa investigação, não encontramos uma só referência à Virgem Negra. Porquê, não sabemos.

Peguemos nas conclusões deste trabalho. A primeira conclusão, que responde à primeira e terceira hipóteses formuladas no início deste trabalho, é o tempo do aparecimento do culto. As Virgens Negras aparecem por toda a Europa nos séculos XII e XIII e os Templários são grandes adoradores destas Virgens construindo-lhes catedrais. É um culto que desponta no século XII, tal como o culto de Virgem Maria e (d)as suas imagens, culto este que continua o culto das antigas deusas da fecundidade e da fertilidade. Assim se compreende que a principal invocação seja a de Nossa Senhora da Conceição ou suas «primas», Nossa Senhora do Ó e Nossa Senhora da Expectação.

A segunda conclusão, que responde à segunda hipótese formulada, diz que muitas vezes a imagem da Virgem Negra é chamada de Maria Madalena, sendo o caso da Virgem Sara Negra ou Kali Sara, como é designada pelos ciganos. Em Saragoça, Espanha, existe o santuário das duas Marias: Nossa Senhora do Pilar e Maria Madalena. Até ao século XII, terá sido Maria Madalena a santa que antecedeu, em importância, a Virgem Maria

Assim, fazendo um percurso pelo tempo, as três grandes deusas orientais, Ísis, Cibele e Diana estabeleceram-se no Ocidente antes da

romanização. Até ao século IV, antes de Constantino e Teodósio, a Grande Deusa Mãe era o centro do culto popular e as suas características de amor, perdão e acolhimento as mais apreciadas. Mas a Igreja Católica persegue toda a forma de paganismo e impõe um deus masculino, ficando o matriarcado no obscurantismo. Com o século XII e o gótico, renasce o feminismo das deusas, mas por pouco tempo, pois com o século XIV e a Inquisição inicia-se a perseguição ao domínio do feminino queimando as bruxas. Esta perseguição poderá não ter sido uma bem organizada e intencional manobra para a destruição de uma religião pagã organizada, com raízes no Paleolítico, como escreveu MURRAY (1921), mas não deixou de ser uma mortandade e hoje, fruto dessa perseguição e da permanência cultural que a moveu, o culto das Virgens Negras permanece fora da investigação histórica.

### Referências Bibliográficas

AAVV (2009). **Evangelho de Maria Madalena**. Recuperado em 2009, Novembro 23 em <http://inatitude.wordpress.com/2009/01/14/0-evangelho-segundo-maria-madalena>

ALMEIDA, António (2004). **O Iconólogo detective: A Descoberta de aproveitamento iconográfico na ilustração de livros...** *Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Património*. 1,3, 163-182. Recuperado em 2009, Novembro 23 em [ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4089.pdf](http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4089.pdf)

BARBAS, Helena (2009). **Imagens e Sombras de Santa Maria Madalena na literatura e arte portuguesas**. Tese de doutoramento inédita. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

BARBAS, Helena (2009). **Imagens e Sombras de Santa Maria Madalena**. Recuperado em 2009, Março 23 de <http://www.fcsh.unl.pt>

BIRRENTO, Maria (2003, Setembro 14). **O Mistério das Virgens Negras**. *Notícias Magazine*, pp. 42-46.

BRANCO, Conceição (2008). **Ermida da Virgem Negra renovada**. Recuperado em 2009, Novembro 23 em [http://www.observatoriodoalgarve.com/cna/noticias\\_ver.asp?noticia=24934](http://www.observatoriodoalgarve.com/cna/noticias_ver.asp?noticia=24934)

CALADO, David (2008). **Os Mitos da Virgem Negra**. Faro: Ministério da Cultura – Direcção Regional da Cultura do Algarve.

CARVALHO, Danielle (2009). **Madalena: Arquétipo do Pecado**. Recuperado em 2009, Março 23 de <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos>

DEMURGER, Alain (1989). **Vie et mort de l'ordre du Temple**. Paris: Éditions du Seuil.

DIAS, Maria Julieta & PINTO, Paulo Mendes (2009). **Maria de Magdala a Mulher...**, Recuperado em 2009, Março 23 de <http://www.triplov.com>

ELIADE, Mircea (1949). **Tratado de História das Religiões**, Porto: Asa.

ESPÍRITO SANTO, Moisés (1987). **A Religião popular portuguesa**. Lisboa: Assírio & Alvim.

ESPÍRITO SANTO, Moisés (1988). **Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa**. Lisboa: Assírio & Alvim.

ESPÍRITO SANTO, Moisés (2000). **Comunidade Rural a Norte do Tejo. Vinte Anos Depois**. Lisboa: UNL.

ESPÍRITO SANTO, Moisés (2004). **Cinco Mil Anos de cultura a Oeste**. Lisboa: Assírio & Alvim.

ESTRABÃO (1992). **Geografia. Livros III e IV**. Madrid: Editorial Gredos.

GANDRA, Manuel (2006). **Templarismo, neotemplários, ordens de cavalaria míticas, efémeras e anti-maçónicas, academismo**. *Brotéria*, 162, ½, 265-287.

GARTEN, Juan de (1987). **Os Templários (Soberana ordem dos cavaleiros do templo de Jerusalém)**. São Paulo: Traço Editora e Distribuidora, Lda.

HALLAM, Elizabeth (1998). **Os Santos: Quem são e como nos ajudam**. Lisboa: Livros e Livros. (Original publicado em inglês em 1994)

HUSAIN, Shahrukh (2001). **Divindades femininas**. Colónia: Ducan Baird Publishers. (original publicado em Inglês em 1997).

JUNG, Carl (1987). **O Homem e os Seus símbolos**. São Paulo: Editora Nova Fronteira.

LANGELLIER, Jean-Pierre (200, Agosto 23). **Raul Glaber, o Inventor do Ano Mil**, *Público*, pp. 18-19.

LE GOFF, Jacques (1992). **A Rejeição do prazer**. Em G. Duby. (Org). *Amor e Sexualidade no Ocidente*. Lisboa: Terramar. (Original publicado em francês em 1991)

LÉVÈQUE, Jean (1980). **Job. O Livro e a Mensagem**. Lisboa: Difusora Bíblica.

MARQUES, Adílio (2009). **O Que representa Nossa Senhora para os cavaleiros Templários?** Recuperado em 2009 em <http://www.debatesculturais.com.br/?p=1713>

MC. DRCA (2008, Abril 30). **Nota de Imprensa**. Recuperado em 2009, Abril 6 de [www.cultalg.pt/info\(virgem\\_negra.jpg](http://www.cultalg.pt/info(virgem_negra.jpg)

MURRAY, Margaret (1921). **The Witch-Cult in Western Europe**. Oxford: Clarendon Press.

NN (2009). **Virgens Marias Negras**. Recuperado em 2009, Março 23 de [http://pt.wikipedia.org/wiki/Virgens\\_Marias\\_Negras](http://pt.wikipedia.org/wiki/Virgens_Marias_Negras)

PARENTE, Ana (2005). **Ermida de Nossa Senhora de Guadalupe na Raposeira**. *Medievalista on line*, 1,1.

PATLAGEN, Evelyne (1991). **Bizâncio: Séculos X-XI**. Em Phillipe Ariès e Georges Duby (Dir.). *História da Vida Privada*, 1. Porto: Afrontamento.

PENNA, Lucy (2009). **Aspectos simbólicos do mito de Aparecida**. Recuperado em 2009, Novembro 23 em [www.lucypenna.com/.../aspectos-simbolicos-do-mito-da-aparecida-m.pdf](http://www.lucypenna.com/.../aspectos-simbolicos-do-mito-da-aparecida-m.pdf)

REIS, Jacinto dos (1967). **Invocações de Nossa Senhora em Portugal de Aquém e Além-Mar e seu Padroado**. Lisboa.

SCHEER, Monique (2002). **From Majesty to mystery: Change in the meanings of Black Madonnas from the sixteenth to nineteenth centuries**. *American Historical Review*, 107, 5, 1412-1440.

SILVA, J. Palminha (1993). **Uma História Breve do Diabo Português**. *História*, 165,166,167.

SÍTIO REMANSO (2009). **A Madona Negra**. Recuperado em 2009, Novembro 23 em <http://sitioremanso.multiply.com/journal/item/27>

VORÁGINE, Santiago de la (1982). **La leyenda dorada**. Madrid: Alianza Editorial.

WALTER, Philippe (2003). **Nythologie chrétienne, fêtes e rites et mythes du Moyen-Âge**. Paris: Éditions Imago.

YLIMAKI, R. (2006) **Toward a new conception of vision in the work of educational leaders: Cases of the visionary archetype**. *Educational Administration Quartely*, 42, 620-651. Recuperado em 2009, Março 13, de <http://eaq.sagepub.com/cgi/content/abstract/42/4/620>